

Conflito de PMs e invasores fere 14

■ Retirada de 400 barracos de sem-teto acaba em pancadaria e revela mudança de rumo do governo petista do Distrito Federal

MARCONE GONÇALVES

Agência JB

BRASÍLIA — A retirada de 400 barracos de invasores de um terreno situado a pouco mais de 10 quilômetros da Esplanada dos Ministérios, em Brasília, acabou em tumulto, pancadaria e pelo menos 14 feridos, ontem, num confronto entre cerca de 200 sem-teto e 1.700 policiais militares.

O governador do Distrito Federal, Cristóvam Buarque, do Partido dos Trabalhadores, determinou a operação, que levou quase todo o dia de ontem. Três pessoas foram presas — entre elas, a líder da associação de sem-teto que promoveu a invasão.

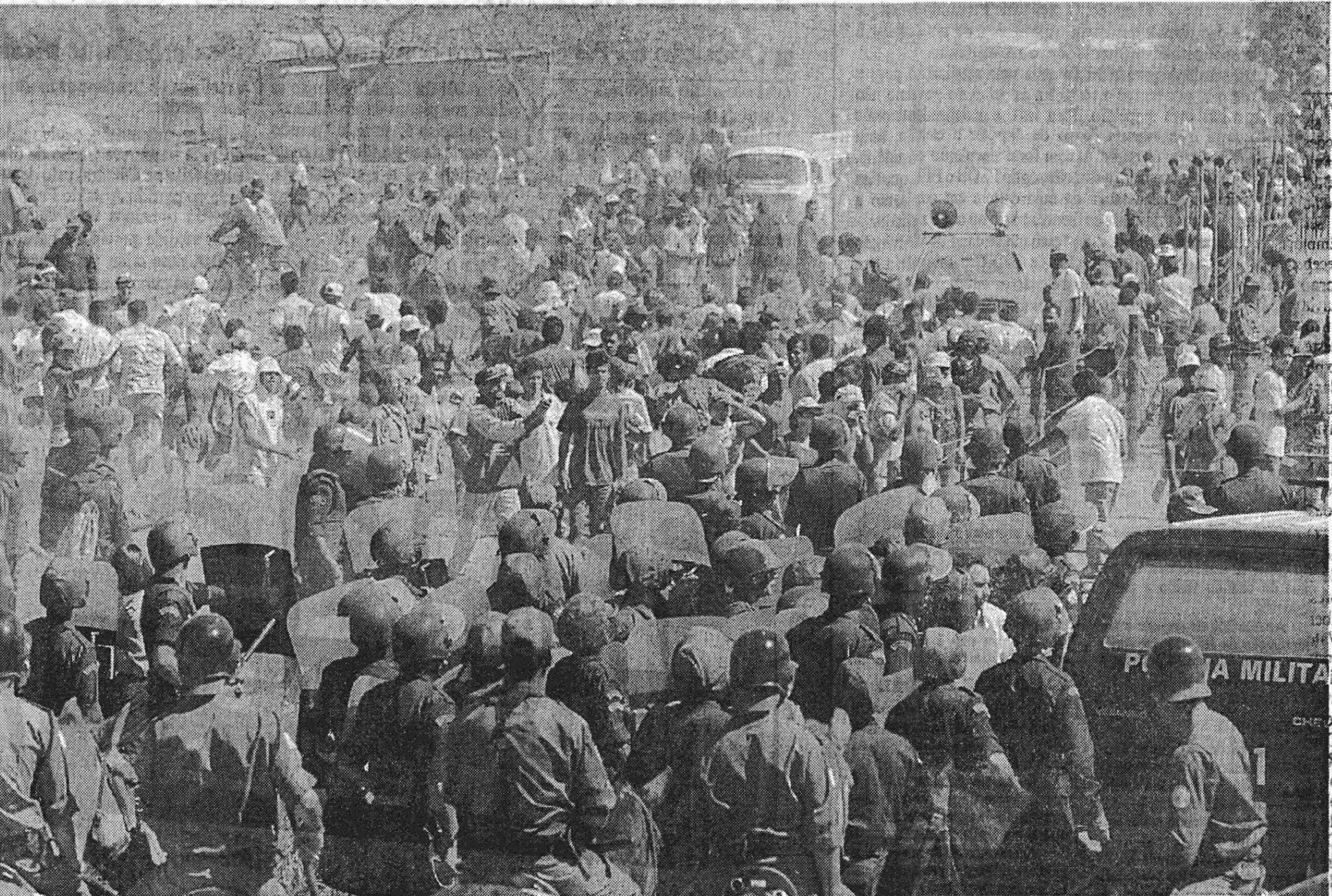
Foram derrubados 400 barracos de invasores, que, segundo o governo do Distrito Federal, haviam sido montados em menos de 15 dias, num local próximo ao aterro sanitário de Brasília. Tratava-se, na verdade, de uma expansão da maior favela do Distrito Federal, onde já vivem 10 mil pessoas.

A líder do movimento de invasores, Marlene Mendes, foi presa logo no início da operação, às 9h30, e levada para a delegacia policial que atende a favela. Dos 14 feridos durante o confronto, oito são policiais militares e seis são civis.

Paus e pedras — A polícia usou balas de borracha e gás lacrimogêneo, enquanto os manifestantes atacavam com paus e pedras. O caso mais grave foi o do invasor João Evangelista Ferreira, de 31 anos. Ele foi internado no Hospital de Base de Brasília, com perfurações no nariz, uma lesão no olho esquerdo e hematomas nos dois olhos. Na tarde de ontem, o hospital informou que o paciente estava consciente e seria submetido a exame de tomografia computadorizada.

Entre os policiais feridos, o caso mais complicado foi o de Dênis Pinheiro Magalhães, de 28 anos, que tinha cacos de vidro nos olhos.

Em entrevista após a operação, o governador Cristóvam Buarque afirmou que a questão daquela área — batizada pelos sem-teto de "Invasão Estrutural" — deixava de ser tratada como "problema habitacional" para ser encarada como "problema de segurança". Cristóvam disse ainda que decidiu mudar de rumo após dois anos e meio de governo, período em que tentou resolver o problema oferecendo lotes urbanizados aos invasores.



A tropa de choque inicia a operação no terreno, avançando contra os barracos erguidos nos últimos 15 dias, enquanto o batalhão de sem-teto tenta resistir, armado com paus e pedras.

A retirada dos barracos, em grande parte vazios, foi acompanhada por representantes da Comissão de Direito Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e do Ministério Público. O governo já havia tentado retirar um primeiro grupo de invasores do local, mas a resistência destes, que também incluiu confrontos com alguma violência, acabou resultando em acordo.

Com os novos invasores, porém, o governador resolveu ser implacável e solicitou a tropa de choque, a cavalaria da Polícia Militar e até um helicóptero para a operação. Cristóvam Buarque anunciou ontem a instalação de um quartel nas imediações "para acabar com o banditismo na área da Invasão Estrutural".

Acuado há tempos por invasões

irregulares em terrenos públicos (promovidas pela população mais pobre), por condomínios ilegais (criados pela classe média) e até por vendedores ambulantes que montaram uma grande feira (a Feira do Paraguai) perto do Centro de Brasília, Cristóvam Buarque reagiu criando um programa chamado Brasília Legal. O programa recebeu o apoio das mais diferentes associações e entidades da cidade e já entrou em fase de execução.

A capital do país, entretanto, poderá ver mais tumulto nas próximas semanas, pois o governador determinou a retirada dos ambulantes da Feira do Paraguai. Eles prometem reagir.

Enquanto retira os invasores, o governo também começa a regularizar os condomínios de classe média.



Após o conflito com a PM, o sem-teto João Evangelista, atingido por um tiro, é socorrido por companheiros.

Brasília — AP

Brasília — Carlos Eduardo/CB Press